

## 29

## O homem e o tempo

Terminávamos as nossas atividades na noite de 5 de Janeiro de 1956, quando fomos tomados de grande alegria. Pela primeira vez em nossa casa, compareceu o grande poeta português Antero de Quental à manifestação psicofônica, e, usando mímica e inflexão singularíssimas, ditou os dois sonetos intitulados "O Homem e o Tempo" que, ainda hoje, nos tocam profundamente a sensibilidade.

## I

Disse o Homem ao Tempo: — O' gênio triste!  
Onde a tua caverna horrenda e escura?  
Porque trazes velhice e desventura  
A minha carne que te não resiste?

Abomino-te a clava estranha e dura  
Que dilacera tudo quanto existe!...  
Por que razão me segues, lança em riste,  
Estendendo-me as noites de amargura?

Porque fazes o riso envolto em pranto  
E derramas o fel do desencanto  
No doce vinho da felicidade?

Quem és tu? Monstro ou deus, arcanjo ou fera?  
Onde o ninho de sombra que te espera  
Nos remotos confins da Eternidade?!

## II

Mas o Tempo exclamou: — Ergue-te e lida!...  
Sou o pajem divino que te exorta  
A seguir para os Céus, de porta em porta,  
Amparando-te os passos na subida...

Eras apenas larva indefinida  
Quando arranquei-te à treva fria e morta.  
Desde então, sou a luz que te transporta,  
De forma em forma, para a Grande Vida.

Dou-te alegria e dor, miséria e glória,  
Para que guardes, puro, na memória,  
O amor de Deus que, em tudo, anda disperso...

Louva o trabalho que te imponho aos dias.  
Sem meus braços irmãos não passarias  
De um verme preso às furnas do Universo.

ANTERO DE QUENTAL

